

A Nova Adoração para a Glória de Cristo

As práticas de adoração de milhares de judeus mudaram de um dia para o outro! Para pelo menos três mil pessoas, a vida religiosa ficou completamente diferente, depois de ouvirem Pedro apresentar o evangelho no dia de Pentecostes.

Tendo seguido as instruções da lei de Moisés por toda a vida, os judeus que se tornaram cristãos em Atos 2 sofreram uma transformação espetacular. De repente, milhares estavam adorando a Deus de formas nunca vistas nem ouvidas antes. Todas as costumeiras atitudes do Antigo Testamento tornaram-se de repente ausentes de suas vidas. Algo importantíssimo havia acontecido; um acontecimento que esmagou a lei. Algo havia levado a essas pessoas esperança na eternidade, nos dias seguintes à crucificação de Jesus. Somente instruções dadas por Deus poderiam explicar esse novo tipo de adoração.

UMA NOVA ADORAÇÃO EXPOSTA

Após serem convertidos a Cristo, esses cristãos aceitaram novos atos de adoração e uma nova maneira de viver diariamente. Eles “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (Atos 2:42). Nunca antes desse dia de Pentecostes, lemos nas Escrituras que os seguidores de Jesus agiram dessa maneira. Estavam “firmes” nessas práticas, assim como haviam sido seguidores fiéis da Lei.

Quatro ações mencionadas por Lucas tiveram início nesse dia de Pentecostes. Primeiro, os cristãos começaram a seguir o ensinamento dos apóstolos — o “ensino dos apóstolos” — em vez de seguirem os ensinamentos da Lei. Começaram a viver de acordo com o que os apóstolos estavam ensinando, quer isso coincidissem com a Lei, quer

não. Chegaram até a usar recintos públicos do templo onde recebiam grande parte do ensino (Atos 2:46).

Segundo, eles continuaram perseverantes na “comunhão” (*koinonia*) em vez de continuarem com o dízimo da Lei. A palavra “comunhão” tem vários sentidos no Novo Testamento, mas neste contexto obviamente se refere ao partilhar das necessidades desta vida. Os convertidos começaram a vender seus bens e terras, dando os rendimentos para qualquer um que tivesse necessidade durante esse período em Jerusalém (Atos 2:45). Depois de um tempo, muitos dos visitantes judeus voltariam para casa, mas estavam animados e ansiosos por aprender o máximo possível sobre o Messias e o novo reinado do Filho de Deus.

Terceiro, os judeus convertidos começaram a “partir o pão” juntos. Em outros contextos, a mesma frase significa comer uma refeição comum (Atos 2:46), mas aqui eles estavam fazendo algo como um ato de adoração em resposta à doutrina dos apóstolos. Obviamente, isso era algo novo para eles, enquanto que partir o pão numa refeição comum nada tinha de novo. Também, essa atividade é mencionada em Atos 2:42, onde três outros atos de adoração são alistados. A refeição que continuaram partilhar era a ceia do Senhor (1 Coríntios 11:20–28).

Quarto, as orações dos convertidos eram oferecidas por intermédio daquele que morreu na cruz, Jesus Cristo (1 Tessalonicenses 5:17, 18). Ele era reconhecido como Senhor e Cristo (Atos 2:36) e como mediador deles (1 Timóteo 2:5). Nunca antes, em mil e quinhentos anos de história da nação judaica, descendentes de Abraão oraram mediante o nome de Jesus, o Cristo.

Há outro ato de adoração não mencionado neste contexto que se tornou parte da glorificação de Deus através de Jesus: a adoração musical. Paulo e Silas cantaram louvores a Deus enquanto estavam na prisão (Atos 16:25). A música foi incluída nas instruções de adoração dadas pelos apóstolos. Quando Paulo estava corrigindo algumas práticas indevidas nas assembleias dos coríntios, ele usou a oração e os cânticos como exemplos para mostrar que os atos de adoração devem ser claramente entendidos, para o bem de todos (1 Coríntios 14:15). A adoração através da música que os cristãos do Novo Testamento faziam era à capela.

A NOVA ADORAÇÃO EXPLICADA

“O Ensino dos Apóstolos”

O ensino dos apóstolos (Atos 2:42) substituiu a Lei. Jesus afirmou que todas as profecias sobre Ele haviam se cumprido; portanto, a Lei e os Profetas não mais estariam em vigor (Lucas 24:44). Os apóstolos receberiam uma nova e última revelação, que poderia ser lida e entendida pelas pessoas comuns (Efésios 3:3–5). Essa revelação provinha de Deus e jamais deveria ser mudada para outro evangelho (Gálatas 1:6–9). Era a mensagem final dos céus, “uma vez por todas” entregue aos que buscavam salvação (Judas 3).

Os doze (e mais tarde Paulo também) falavam com a autoridade de Cristo, porque eram inspirados pelo Espírito Santo (João 14:25, 26; 15:26; 16:7, 8). A palavra “inspirados” não se refere meramente a algo incomum ou acima de esforços humanos normais; mas, sim, à ação do Deus Espírito sobre esses proclamadores e escritores. Deus Espírito os inspirava, soprava dentro deles o que deveriam falar e escrever. Essas verdades eram expiradas por Deus e aspiradas pelos apóstolos e pelos demais escritores dos livros do Novo Testamento. Portanto, toda Escritura é “inspirada por Deus” (2 Timóteo 3:16, 17). A autoridade por trás desses ensinamentos dos apóstolos não era natural, mas divina (1 Coríntios 2:13).

Esse entendimento das novas verdades e das Escrituras mostra o devido e verdadeiro propósito da Lei: ela foi um “aio”, um “tutor” para levar a nação de Israel até Cristo (Gálatas 3:23–25). Agora que o Cristo havia vindo, agora que a “fé” havia sido revelada e completada, a lei de

Moisés já não estava em vigor. Ela havia cumprido o seu propósito. Ela teve o seu lugar no plano divino de redenção, pois apontava Jesus como o Cristo para os judeus. As novas doutrinas ensinadas pelos apóstolos foram dadas aos adoradores de Deus para serem respeitadas e seguidas a partir daquele momento.

A expressão “o ensino [i.e., doutrina] dos apóstolos” tem uma construção gramatical interessante. Traça um paralelo com a ordem das palavras de uma passagem altamente discutida sobre comunhão, em 2 João 9, 10:

Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem lhe deis as boas-vindas.

Aqui a expressão é “doutrina de Cristo”. Na construção gramatical em grego, os termos são exatamente os mesmos. Os que discutem acerca da “doutrina de Cristo” entendem que isso pode significar ou *as doutrinas ensinadas sobre Cristo ou as doutrinas que Cristo ensinou*. Se significa somente as doutrinas ensinadas sobre Cristo, então a comunhão deve ser mantida entre todas as pessoas que aceitam Jesus como o Filho de Deus, independente de suas filiações e práticas denominacionais.

Por outro lado, se significa todas as doutrinas ensinadas por Cristo e Seus apóstolos, então a comunhão deve se restringir aos que são fiéis a todos os ensinamentos do Novo Testamento. Na primeira hipótese, todos que aceitam Jesus como o Cristo teriam uma comunhão livre; na segunda hipótese, haveria uma comunhão distinta somente entre pessoas que seguem verdadeiramente a doutrina dos apóstolos.

Como as construções gramaticais dessas passagens são paralelas, Atos 2:42 poderia ser traduzido por “o ensino transmitido pelos apóstolos”, em vez de o “ensino dos apóstolos”. Da mesma forma, 2 João 9 poderia ser traduzido por “a doutrina pertencente a Cristo”. Isto daria crédito ao entendimento de que o ensino de João sugere uma comunhão limitada e não é a base para uma comunhão ampla interdenominacional de qualquer um que aceite Jesus como o Cristo. As pessoas que desejam romper as linhas da comunhão estabelecidas pelo Senhor têm dificuldade em identificar o verdadeiro significado de 2 João 9.

“Comunhão”

A comunhão, uma segunda mudança adotada pelos judeus convertidos, modificou as concepções sobre bens e a consideração pelos necessitados. A palavra *koinonia*, num sentido mais amplo, refere-se à participação conjunta dos irmãos nos privilégios religiosos. Em outros contextos, é usada para a comunhão que os cristãos têm com o Pai, o Filho e o Espírito Santo (2 Coríntios 13:14); a comunhão que os cristãos têm uns com os outros (1 João 1:7); e a comunhão que os cristãos têm na ceia do Senhor com o sangue e o corpo do Senhor na cruz (1 Coríntios 10:16).

Koinonia também é um termo proeminentemente usado para o compartilhar de bens terrenos com outros (Romanos 15:26; 2 Coríntios 9:13). Paulo argumentou que, como os palestinos haviam partilhado o evangelho com os de Roma, os cristãos de Roma deveriam retribuir partilhando suas bênçãos terrenas com os da Palestina que estavam fisicamente necessitados. Paulo também lembrou os cristãos da igreja em Filipos que eles haviam sido fiéis em ajudar nas necessidades físicas do apóstolo (Filipenses 1:5; 4:14–16).

Nesse contexto de Atos 2, “comunhão” muito provavelmente refere-se ao compartilhar de necessidades físicas com judeus que visitavam Jerusalém, novos convertidos ao evangelho que ali permaneceram por meses desejando aprender o máximo sobre o evangelho. Os historiadores registram que tal fenômeno ocorreu, com muitas famílias hospedando-se nas cercanias de Jerusalém, por tanto tempo que precisaram de comida e dinheiro para a viagem de volta para casa.

Um outro fato intrigante sobre a nova maneira de contribuir para o trabalho do Senhor é o fato do dízimo não ser mais mencionado! O dízimo havia sido a prática anterior, antes mesmo da Lei, quando Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque (Hebreus 7:1–4). A ausência de qualquer ensino adicional sobre o dízimo no evangelho de Cristo indica que houve uma mudança no método de dar. Debaixo da nova lei, as contribuições eram dadas à medida que se prosperava (1 Coríntios 16:2), daquilo que abundava (2 Coríntios 8:14, 15). As doações eram dadas com liberalidade, propósito e alegria (2 Coríntios 9:6, 7).

“O partir do Pão”

O partir do pão, uma outra mudança no modelo de adoração, era uma festa comemorativa

especial, em honra à morte de Jesus na cruz. Essa refeição era em memória da morte do Senhor (1 Coríntios 11:26) e era comida conforme as instruções dadas pelo Senhor, na noite em que foi traído (Mateus 26:26–29; Lucas 22:17–20). Essa refeição comemorativa era para ser observada no reino do Senhor, uma vez que Ele mesmo participaria da comunhão com os cristãos fiéis nessa festa (Lucas 22:29, 30). Essa comunhão (1 Coríntios 10:16) era observada nas assembléias das congregações e não deveria fazer parte de nenhuma refeição comum (1 Coríntios 11:20–22, 33, 34).

Essa festa comemorativa visava lembrar aos cristãos que Jesus deu o Seu corpo e sangue pelos pecados do mundo. Os cristãos do Novo Testamento observavam-na no primeiro dia da semana, domingo (Atos 20:7). A prática regular das congregações primitivas era a reunião aos domingos. Quando Paulo deu instruções sobre como fazer a coleta para assistir os necessitados, ele disse que esta poderia ser feita no dia em que já costumavam se reunir (1 Coríntios 16:2). Paulo não disse aos cristãos para começarem a se reunir no primeiro dia da semana; mas instruiu-os a porem de parte regularmente quando se reunissem normalmente, nos encontros no primeiro dia da semana.

Essas reuniões regulares no primeiro dia da semana eram da maior importância. Os judeus estavam acostumados a usar o sétimo dia, o sábado, como dia de reunião debaixo da Lei. Os judeus convertidos observavam o dia especial para adoração no domingo, o primeiro dia. Jesus havia instruído os apóstolos a continuarem ensinando aos crentes batizados “todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mateus 28:20). Se os apóstolos ensinaram os novos convertidos a se reunirem em honra a Jesus no primeiro dia da semana, isso deve ter sido um resultado direto do que Jesus ordenou que fizessem. Os estudantes da Bíblia não podem chegar a nenhuma outra conclusão mais precisa: essas reuniões no primeiro dia da semana para adorar o Senhor, incluindo a ceia do Senhor, começaram porque Jesus assim ordenou aos apóstolos. Estes continuaram a ensinar o que Jesus havia ordenado e os convertidos seguiram a doutrina dos apóstolos.

“Oração”

Além dessas outras mudanças dramáticas,

as orações foram alteradas e oferecidas de maneira diferente: antes do dia de Pentecostes, esses convertidos oravam para o Deus Jeová; mas agora começaram a orar ao Deus Jeová através do mediador Jesus Cristo (Colossenses 3:17; Romanos 1:8, 9; 1 Timóteo 2:5). Anteriormente, esses judeus se dirigiam ao Pai com respeito; agora, eles se dirigiam ao Pai através do Filho, com o mesmo respeito.

A doutrina dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão e as orações eram mudanças promovidas pelo novo evangelho pregado no dia de Pentecostes, em Atos 2.

UMA NOVA ADORAÇÃO EXPERIMENTADA

Em João 4:21–24, Jesus prometeu à mulher samaritana, no poço, que a adoração logo não mais dependeria de lugar, fosse em Jerusalém ou nas montanhas de Samaria; mas, a verdadeira adoração dependeria, sim, de ser oferecida “em espírito e em verdade”. Os samaritanos eram descendentes dos rebeldes que seguiram Jeroboão quando o reino de Israel foi dividido (1 Reis 12; 13). Eles alegavam que os filhos de Abraão podiam adorar nas montanhas de Samaria sem ir até Jerusalém. Os israelitas fiéis continuaram observando a festa da Páscoa em Jerusalém, mas Jeroboão determinou uma festa concorrente com a Páscoa para que seus seguidores não fossem a Jerusalém e servissem Roboão (1 Reis 12:26–33).

Ao falar com a mulher samaritana, Jesus ignorou debates antigos e anunciou que a adoração a Deus logo seria modificada, sendo oferecida em espírito e em verdade. Adorar “em espírito” refere-se às intenções e motivos dentro do adorador. Adorar “em verdade” significa que as ações do adorador devem estar de acordo com a verdade, a Palavra de Deus. A adoração oferecida a Deus num ritual vazio é inaceitável. Nem tampouco são aceitáveis ações de adoração que não foram instruídas por Deus.

A verdadeira adoração tem várias características. Em primeiro lugar, a verdadeira adoração é *interna*. Embora ela possa envolver ações físicas fora das mentes dos adoradores, a verdadeira adoração e louvor devem emanar da mente de cada indivíduo.

Em segundo lugar, a verdadeira adoração é *intencional*. É feita com um propósito na mente. A adoração não pode ser feita acidentalmente.

Realizar movimentos físicos sozinhos não constitui adoração; precisa haver uma intenção da pessoa envolvida.

Em terceiro lugar, a verdadeira adoração é *vertical*. A adoração não se dirige a outros adoradores nem depende deles. A verdadeira adoração é para o louvor e a glória de Deus, não para a aclamação ou aceitação de outros. Apresentações para o benefício de outros não cabem na adoração ao Senhor. Enquanto uma pessoa está ensinando ou cantando, alguns benefícios são usufruídos pelos que ouvem; mas, ao mesmo tempo que cristãos estão “falando uns aos outros” com salmos, hinos e cânticos espirituais, estão “entoando” e cantando “com gratidão em seus corações” *para Deus* (Colossenses 3:16; Efésios 5:19). O receptor da adoração só pode ser a Divindade.

Em quarto lugar, a verdadeira adoração é *momentânea*. A adoração consiste em atos dirigidos para Deus em resposta aos Seus desejos. Uma pessoa pode adorar em qualquer lugar e a qualquer hora, de muitas maneiras. Em Atos, orar e cantar aconteceram em múltiplas ocasiões, tanto em particular como publicamente, dependendo da intenção da alma do adorador. A adoração é momentânea e está limitada às ações que a pessoa intencionalmente direciona para Deus em resposta às instruções da Sua Palavra.

Além disso, a verdadeira adoração não é vã (Marcos 7:7). Não é ignorante (Atos 17:23) e não é realizada de acordo com a vontade ou as decisões humanas (Colossenses 2:20–23).

CONCLUSÃO

A adoração a Deus é agora privilégio de todos os cristãos em toda parte. Não se limita a lugar geográfico nem a uma tribo de sacerdotes. Todos os cristãos são descritos como sacerdotes, capazes de oferecer adoração aceitável a Deus (1 Pedro 2:5, 9–11). Embora os atos de adoração (a ceia do Senhor, a oração, os cânticos, o ensino e a contribuição) devam ser feitos nas assembléias dos santos, alguns deles são apropriados para qualquer hora e lugar. Uma exceção é a ceia do Senhor, que jamais foi celebrada em outro dia senão no domingo. Cantar, orar, ensinar e contribuir são vistos em todo o Livro de Atos em dias diferentes, além do primeiro dia da semana. Portanto, temos de concluir, com base nesse livro, que celebrar a ceia em outro dia não é aceitável a

Deus. O Senhor não foi ressuscitado em nenhum outro dia, e nenhum outro dia é estabelecido para essa lembrança especial da Sua morte.

O dia do Senhor é um dia de homenagem e lembrança especiais (Apocalipse 1:10). Temos assim o maravilhoso privilégio de sermos lembrados a cada sete dias de nosso perdão por meio de Cristo e de Seu sacrifício pelos nossos pecados.

Como Deus é o Único a ser adorado, somente Ele tem o direito de escolher o que os seres humanos devem fazer para honrá-IO. Que arro-

gância é pessoas fazerem suas próprias regras de adoração! Os homens geralmente escolhem fazer o que lhes agrada, em vez do que é plenamente ensinado para agradar a Deus.

Os novos cristãos de Atos, tendo recebido uma formação judaica, aceitaram prontamente as novas instruções de Deus. Este livro registra as maravilhosas mudanças que esses cristãos fizeram em suas vidas e o exemplo que deixaram é digno da consideração e do respeito das pessoas que vivem hoje. ❖

Autor: Roy H. Lanier, Jr.

Série: Atos

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS